

## **ACIDENTES, PERCURSOS, SIMULAÇÕES**

– UMA CONVERSA ENTRE ROMY POCZTARUK E MARIO GIOIA

### **Como se deu o processo de criação da série Tropical?**

Uma amiga me comentou a existência dessa “ilha da fantasia” chamada Tropical Island perto de Berlim. Fiquei fascinada e tive de fazer uma visita para ter uma experiência real em um lugar completamente artificial. O local é muito estranho, talvez menos para os alemães do que para mim, brasileira, mas lembro que foi um choque entrar naquela bolha com a temperatura controlada e me deparar com uma mini floresta tropical sem nenhum animal, inseto, cheiro.. É um parque de diversões no qual as atrações são recriações de uma natureza fake. Para mim, era como se estivesse vivendo um cenário de algum livro de ficção científica, mas real. Bem real, eu diria. Acho que a série Tropical partiu dessa experiência e tem essa ambiguidade bem evidente. Sempre há uma dúvida nas próprias imagens, se são reais ou não.

### **Você poderia comentar sobre a tensão entre realidade e simulação presente na série Tropical?**

Jean Baudrillard já nos alerta que “simular é fingir ter o que não se tem [...] A simulação põe em causa a diferença do ‘verdadeiro’ e do ‘falso’, do ‘real’ e do ‘imaginário’”. Atualmente, não é novidade que a possibilidade de viver “simulacros” de experiências reais é cada vez mais freqüente e por isso também assustadora. Se máquinas de simulação produzem realidades artificiais, e na web podemos participar de comunidades virtuais que recriam a vida cotidiana, também paisagens reais são reconstruídas para reinventar a experiência, produzindo lugares que condizem com as utopias contemporâneas de conforto, segurança e praticidade. Na série Tropical, estes espaços são documentados por meio de registros fotográficos, recriando essa tensão evidente na nossa vida entre realidade e simulação.

### **Você lida em suas séries com fricções criadas pelo fracasso das utopias, resultando em ruínas ou ambientes ilusionistas ‘artificiais’ ao máximo. Poderia comentar sobre isso, exemplificando com citações das suas séries?**

Me interessa pensar e discutir o que esses lugares que foram deixados de lado representam hoje nas cidades. O que eles nos dizem sobre as mesmas e também de que forma contribuem para a construção do imaginário das cidades contemporâneas. O Spreepark, por exemplo, que é um dos lugares em que filmei o vídeo Traumberg, é um parque de diversões em Berlim que está abandonado há oito anos e tem um background histórico importante para a cidade, pois era o único parque de diversões da Alemanha Oriental. Já o projeto Crossing Islands, que desenvolvi em Nova York, para a Bolsa Iberê Camargo, foi sobre uma ilha situada no East River, South Bronx. A ilha foi habitada em 1885 com a construção do Riverside Hospital de Blackwell’s, um hospital que tratava e isolava pacientes com varíola. Em 1904, North Brother Island foi palco de uma tragédia marítima com o naufrágio do navio General Slocum. A ilha também abrigou veteranos de guerra juntamente com suas famílias, um hospital psiquiátrico e

a famosa Typhoid Mary. Sem nenhum motivo aparente, a ilha está abandonada há 50 anos e tem uma história “para ser esquecida”, pois foi um lugar de refúgio para pessoas “indesejadas” na sociedade.

**A incursão em Fordlândia também dá ao seu trabalho um caráter de viagem, de errância, de percurso, e que resultou na série fotográfica Lost Utopia. O fato de estar na Amazônia também amplifica ainda mais as contradições dessa urbe particular. Poderia comentar mais sobre esse processo? E qual a importância dele ter sido escolhido para o Rumos Artes Visuais?**

Fordlândia é uma cidade esquecida nas margens do rio Tapajós. Foi palco de uma das maiores aventuras de Henry Ford, que nos anos 20 colonizou a região e construiu não apenas uma fábrica de borracha, mas também uma pequena cidade para recebê-la. Com ruas pavimentadas, escolas, campo de golfe e até mesmo hidrantes importados de Detroit, a utopia amazônica durou pouco. Os empregados brasileiros não se adaptaram às severas condições de trabalho e as plantações de seringa foram dizimadas pela falta de planejamento. Fordlândia foi um sonho que não deu certo. Um sonho capitalista na Amazônia que desapareceu como pó, mas deixou vestígios que hoje se misturam com a cultura local. O projeto Lost Utopia parte de pesquisa sobre os resíduos da época da colonização norte-americana. Documentei não apenas o que está visível na cidade, mas também o que hoje continua sendo utilizado nas casas dos habitantes locais. Móveis, objetos e fotografias da época dessa colonização revelam não apenas a história de Fordlândia, mas também são testemunhos de uma história esquecida. Nesse cruzamento de memórias, há um estranhamento evidente. Se, por um lado, os objetos já foram completamente integrados à paisagem íntima local e, por outro, apresentam uma dissonância em relação à mesma. O projeto não foi selecionado para o Rumos, acabou surgindo após a viagem pela Transamazônica. Na verdade, chegar em Fordlândia foi um acidente de percurso, no bom sentido, pois quando escrevi o projeto para o Rumos, chamado A Última Aventura, nem sabia da existência dessa cidade à beira do Tapajós. Quando soube, acabei mudando a rota de toda viagem e terminei por ficar alguns dias em Fordlândia. Nesse sentido, o acaso é bem importante no meu trabalho. O vídeo Traumberg também surgiu de um “acidente”, bom como Fordlândia.

**A exposição Percursos Simulados, que fez em conjunto com Marina Camargo para o Paço das Artes, em 2011, também discute o deslocamento, a inaturalidade, a suspensão temporal. Como foi trabalhar com outra artista em uma proposta conjunta e como você define o melhor ‘suporte’ ou linguagem para a obra?**

O projeto Percursos Simulados foi um desdobramento do projeto Percursos, que desenvolvo com a artista Marina Camargo desde 2007. A nossa proposta foi pensar a vivência do espaço urbano por meio de deslocamentos, viagens ou experiências com elementos das cidades. Também há relações possíveis com espaços e arquiteturas que são simulações de lugares ou fotografias que lidam com a representação dos lugares/situações encontrados em espaços

urbanos. O olhar de viajante, que se perde tão logo o hábito começa a se formar, foi o eixo central da exposição.